

# Crônica

## FIM DE FÉRIAS

L. M.

Como tudo que tem um começo tem também um fim, acabaram-se as minhas férias. Férias, vacances, vacaciones, holidays... Minhas aventuras poliglóticas param aqui: não sei como se diz férias em italiano. E' gozado, mas vivendo há tantos anos em São Paulo, não aprendi a falar a língua de Dante. Quando estive em Roma, conversei durante meia hora com um cara, para no fim credito cujo declarar que estava muito satisfeito por certificar que entendia perfeitamente o meu castelhano. Ora, eu estava absolutamente convencido de que falara italiano com ele...

Não fui a Roma nestas férias. Nem a Roma, nem á Grécia, nem á China, nem a Pasárgada, nem á Lua. Não realizei a famosa triangular: Brasil, Europa, Estados Unidos. O que fiz foi uma figura geométrica muito mais modesta, de turista sem divisas — porém mais complicada: cinco dias de descanso rural no interior paulista; depois, Rio de Janeiro; depois, cinco dias em São Paulo; depois, Rio de novo; e, finalmente, regresso a São Paulo e mais três dias rurais, para acabar com a festa, desintoxicar os pulmões e consertar o fígado. Como vêem, movimenteimei-me bastante, como se fôra um trem da Central, indo e vindo de São Paulo para o Rio, e vice-versa. Isto se chama descansar...

No Rio, entre outras aventuras, vim a conhecer pessoalmente, (em casa de Enio Silveira) um notável escritor português que — com vergonha, mas veracidade o confesso — eu antes não conhecia nem de nome: José Cardoso Pires, autor de "O Delfim", um romance dos mais extraordinários que ultimamente tenho lido.

Fernando Sabino, com quem me encontro na noite do lançamento do livro, reclama do tipo miudinho em que são compostas estas crônicas. Explico-lhe que não passa semana em que não receba três ou quatro reclamações idênticas de leitores, mas que nada posso fazer, pois essas coisas não competem a mim: minha obrigação é escrever a crônica.

— Por que você não faz como o Rubem?

Conta-me, então, uma coisa que eu não sabia: há muitos anos, Rubem Braga enfrentou o mesmo problema, não sei em que jornal, que alegava falta de espaço. A solução foi a seguinte: as crônicas seriam publicadas no mesmo espaço, mas em tipos bem maiores. Naturalmente, o que diminuiu foi o trabalho do cronista que as oferecia ao publico comprimidas em pilulas de 2 ou 3 periodos.

As minicrônicas, como se vê, antecederam as minissaias. E' uma realidade historica que faço questão de registrar, para orgulho da confraria